

**Pedro Fernandez de
Souza, mestrando PPGFil
– UFSCar**

Autor do livro de contos
Zoografia: Zooalgia,
segundo lugar do Prêmio
Literário 2018 da Biblioteca
Nacional (Prêmio Clarice
Lispector).
E-mail: pedrofsouza@gmail.
com

Soneto 24

O soneto é também de pedra feito,
Não de dores e ais empedernidos.
Coisa bruta, sem afeto, sem vida,
A linguagem é rochedo sem leito.

Mármore de cal pouca, sem saída,
A linguagem é muro que me espreita.
Co'a palavra lamino com despeito
Toda esta força motriz esquecida.

Por dentro posso estar de emoções ermo,
E achar meu texto na paixão seu termo.
Enfermo posso ser, covarde, infirme,
Mas nada haver na arte que o confirme.

Poesia é grito, voz que não cala.
Poesia é voz, grito que não fala.

Poema Livre 28 (soneto?)

A Alfredo (são paulino, farofeiro, espanhol)

De repente o fio da meada
Tornou-se fio da navalha.
E o conta gotas, paciente,
Entornou a gota d'água.

As velas sempre tão belas das naus
Agora içam chamas, velando soturnas o funeral.
As portas me deportam.
As chamas me chamam. Em vão.

De custo em custo
Dá-nos as costas o futuro.
No vão do vão eu afundo.

De mágoa em mágoa
Vai-se a lugar nenhum.
E no caminho cá mínguo.

Soneto 38

Dos jazigos de cera solta (celas
Insalubres das lutas dessa gente)
Que se façam revoltas febrilmente,
De um vermelho que a História nossa sela.

Que se teçam artífices (prementes
De um espelho que a funda dor desvela)
Das jazidas de féretros e velas
Que o Passado mais nosso bem presente.

Todo rio de sangue corre cego
Rumo ao mar da indecente indiferença.
Silencia e massacra a vã sentença
Que o diálogo e a paz sãmente prega.

Que o silêncio coato seja ouvido:
Que se sintam os fúnebres bramidos.

Soneto 44

Como é frágil o pulso de um poema,
Quão vidraça, poeira, tessitura.
Como é lírio a areia da lisura
Que perfila às palavras sol extremo.

Superfície, serpente, cal, fundura –
Verbos vagam vadios diademas.
Quão cristal este fio de grafemas
Que só vive se o verso em vão perdura.

Choro, música, canto, sagração?
Nada disso: linguagem cega, fria,
Surdo peixe escapando mão em mão,

Muda voz que os ouvidos arreperia.
Quão lareira, ladeira estrofes são,
Como é lábil a foz da poesia.